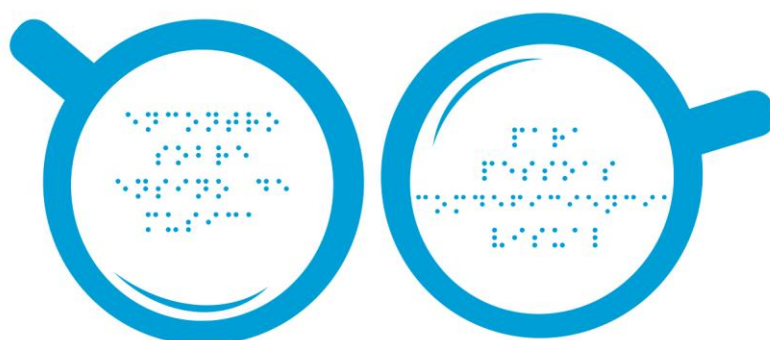




Anais do I Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual

Educação musical para pessoas com
deficiência visual: desafios e possibilidades

ISSN 2674-9572

Natal/RN, 2013

**David Barbalho Pereira
Catarina Shin Lima de Souza
Elizabeth Sachi Kanzaki
(Organizadores)**

**ANAIS DO I ENCONTRO SOBRE ENSINO DE MÚSICA PARA PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

**Natal / RN
SEMBRAIN
2013**

Catálogo da Publicação na Fonte
Biblioteca Setorial Pe. Jaime Diniz - Escola de Música da UFRN

- E56 Encontro sobre Ensino de Música para pessoas com deficiência visual (1. : 2013 : Natal, RN)
Anais do I Encontro sobre Ensino de Música para pessoas com deficiência visual: educação musical para pessoas com deficiência visual – desafios e possibilidades [recurso eletrônico] \ David Barbalho Pereira, Catarina Shin Lima de Souza, Elizabeth Sachi Kanzaki (Organizadores). – Natal, RN : EDUFRN, 2013.
25 p.

Modo de Acesso: <https://repositorio.ufrn.br>
ISSN: 2674-9572
ISBN: 978-85-425-0861-1

1. Música e Inclusão – Congressos. 2. Música e Educação Especial – Congressos. 3. Música e deficiência visual – Congressos. I. Pereira, David Barbalho. II. Souza, Catarina Shin Lima de. III. Kanzaki, Elizabeth Sachi. IV. Título.

RN/BS/EMUFRN

CDU 78:37

Elaborada por: Elizabeth Sachi Kanzaki – CRB-15/Insc. 293



**ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO NORTE**

JEAN JOUBERT FREITAS MENDES

Diretor

VALERIA LAZARO DE CARVALHO

Vice-diretora

AMANDY BANDEIRA DE ARAÚJO

Coordenação dos Cursos de Extensão



SETOR DE MUSICOGRAFIA BRAILLE E APOIO À INCLUSÃO

CATARINA SHIN LIMA DE SOUZA

Coordenação Geral

ELIZABETH SACHI KANZAKI RIBEIRO

Coordenação adjunta

CAMILO SOARES LEITE DE LIMA

VERONICA ALVES DE LIMA

Assistentes em Administração

ALBA YUNG SOOK SHIN DE SOUZA

FERNANDO WILLIAN DA SILVA MEDEIROS

Bolsistas



I ENCONTRO SOBRE ENSINO DE MÚSICA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

COMISSÃO ORGANIZADORA

Catarina Shin Lima de Souza (EMUFRN)

Francisco Ricardo Lins Vieira de Melo (CAENE/UFRN)

Agamenon Clemente de Moraes (EMUFRN)

Elizabeth Sachi Kanzaki Ribeiro (EMUFRN)

Agamenon Clemente de Moraes (EMUFRN)

Audinez Barreto Araújo (EMUFRN)

Danielle Garcia (CAENE/UFRN)

David Barbalho Pereira (EMUFRN)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Carolina Chaves Gomes (UFRN)

Isaac Samir Cortez de Melo (IFRN)

Jean Joubert Freitas Mendes (UFRN)

Maristela de Oliveira Mosca (NEI/UFRN)

EQUIPE DE APOIO

David Wilkerson Fernandes de Souza

Edibergon Varela Bezerra

Igor Rafael Alves Varela

Jhon Kleiton Santos de Queiroz

Luana Kalinka Cordeiro Barbosa

Marilene Guedes

Nayara Freire de Sousa Silva

APRESENTAÇÃO

O I Encontro sobre Música e Inclusão é uma realização da Escola de Música da UFRN (EMUFRN) em parceria com a Comissão Permanente de Apoio ao Estudante com Necessidade Educacional Especial (CAENE) com apoio da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PPG), Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ) e Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFRN.

O evento reuniu pesquisadores, professores e estudantes de música e tecnologia assistiva possibilitando um importante espaço de discussão e reflexão em torno de questões atuais em relação ao ensino de música para pessoas com deficiência visual, socializando a importância da música para inclusão social.

A programação contou com mesas-redondas, palestras e minicursos com profissionais de renome nacional que além da capacitação docente e discente no atendimento a alunos com deficiência visual em formação musical, pretende-se instigar profissionais da área tecnológica no conhecimento e possível criação de novos recursos tecnológicos em prol da acessibilidade cultural e educacional das pessoas com deficiência visual que ainda encontra muitas barreiras para o acesso ao conhecimento principalmente pelo desconhecimento de metodologia apropriada e mão de obra especializada para lidar com a sua diferença.

SUMÁRIO

O COMPONENTE CURRICULAR “SISTEMA E MUSICOGRAFIA BRAILLE” NA FACESA <i>Brasilena Gottschall Pinto Trindade</i>	7
EDUCAÇÃO MUSICAL NA ASSOCIAÇÃO DE CEGOS DO ESTADO DO CEARÁ <i>Gabriel Freire Lima</i>	10
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: capacitação de licenciandos do Curso de Música da UFRN para a atuação na educação especial <i>Igor Rafael Alves Varela</i>	13
INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR: iniciativas da EMUFRN <i>Edibergon Varela Bezerra</i>	16
O NÚCLEO DE MUSICOGRAFIA BRAILLE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ: acessibilidade no espaço acadêmico <i>Jonatas Souza e Silva</i>	19
RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A DISCIPLINA DE MUSICOGRAFIA BRAILLE <i>Jhon Kleiton Santos de Queiroz</i>	22

O COMPONENTE CURRICULAR “SISTEMA E MUSICOGRAFIA BRAILLE” NA FACESA

Brasilena Gottschall Pinto Trindade

Faculdade Evangélica de Salvador (FACESA)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
brasilenat@hotmail.com

Este pôster apresenta a ementa do componente curricular Sistema e Musicografia Braille, do Curso de Licenciatura em Música da Faculdade Evangélica de Salvador (FACESA) e descreve, em paralelo, as justificativas dos seus cinco tópicos de ensino.

A ementa construída refere-se a: (1) Histórica e aspectos social, psicoevolutivo e educacional da pessoa cega e/ou com deficiência visual. Biografia de Louis Braille. (2) Sistema e Musicografia Braille: simbologias, peculiaridades, estrutura gráfica e exercícios práticos. (3) Aplicação da Musicografia Braille nos diversos contextos do ensino de música. (4) Criação e adaptação de materiais didáticos para a prática da Musicografia Braille, na perspectiva da Abordagem Musical CLATEC (Construção de Instrumentos, Literatura, Apreciação, Técnica, Execução e Criação). (5) Políticas, recursos didáticos e tecnologia assistiva.

Como justificativa, os educadores musicais em formação devem conhecer os antecedentes históricos, assim como os aspectos básicos referentes à pessoa cega e/ou com deficiência visual para melhor compreender seu processo de aprendizagem. É imprescindível conhecer a biografia de Louis Braille e adentrar no mundo criativo do seu Sistema. Conhecer o Sistema Braille é poder escrever citações básicas nas partituras e/ou em materiais didáticas. Conhecer e praticar a Musicografia Braille é vislumbrar as possibilidades da escrita musical tátil. Sua aplicação no ensino de música de pessoas cegas torna real a educação de excelência.

Criar e adaptar materiais didáticas escritos nas musicografias em tinta e em Braille é considerar que todos os envolvidos (videntes e cegos) são capazes de adquirir as competências mediante variadas atividades musicais em igualdade de possibilidades e oportunidades. Prosseguir no estudo e pesquisas sobre políticas,

recursos didáticos e tecnologia assistiva para a educação geral e musical da pessoa cega é se tornar um educando mais consciente de seu papel como pessoa, como futuro educador, e como provocador de mudanças significativas.

Este componente de caráter teórico-prático foi criado na FACESA há oito anos, fundamentado em diversos autores (COLL; PALACUIS; MARCHESI, 1995; MARTIN, BUENO, 2006; MOTA, 2004; TOMÉ, 2003; TRINDADE, 2008). As adições de conteúdos acontecem na proporção do andamento das pesquisas sobre o tema. Já é possível verificar as mudanças de concepções de seus educandos egressos, no sentido de serem mais sensíveis e atuantes em relação ao ensino de música de pessoas cegas e/ou com deficiência visual. Pequenos passos são importantes para qualquer mudança efetivamente sólida.

REFERÊNCIAS

COLL. C.; PALACUIS J.; MARCHESI, A. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARTIN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro (Coords.). **Deficiência Visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Santos, 2006.

MOTA, Maria Glória Batista da (Coord.). União Mundial de Cegos, Subcomitê de Musicografia Brasille (Elaboração). **Novo manual internacional de musicografia**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. Versões em negro e em Braille.

TOMË, Dolores. **Introdução à musicografia Braille**. São Paulo: Global, 2003. (Versões em negro e em Braille).

TRINDADE, Brasilena Pinto. **Abordagem de Educação Musical CLATEC**: uma proposta de ensino de música incluindo educandos com deficiência visual. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

EDUCAÇÃO MUSICAL NA ASSOCIAÇÃO DE CEGOS DO ESTADO DO CEARÁ

Gabriel Freire Lima
Universidade Federal do Ceará
gabriel17@alu.ufc.br

INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa mostrar, em formato de relato de experiência, como é feito o trabalho de educação musical na Associação dos Cegos do Estado do Ceará (ACEC). Esse relato tem como base a experiência do autor no período de três semestres, sendo que este atua como estagiário da disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), que é dividido em quatro semestres. Nessa disciplina os estagiários atuam em grupos, e os que iniciam o Estágio Supervisionado I são auxiliados pelos alunos do Estágio Supervisionado III, para melhor interação e continuidade do trabalho junto à instituição. Na ACEC entraram, junto com o autor, dois estagiários no Estágio Supervisionado I (totalizando três), onde os mesmos foram acompanhados por dois alunos do Estágio Supervisionado III.

10

OBJETIVOS

O objetivo desse trabalho é fazer um diálogo entre a teoria e a prática, além de procurar fazer um comparativo com outras práticas semelhantes, visando o compartilhamento de experiências na ACEC e a reflexão sobre essa prática, e como ela vem sendo feita.

MATERIAIS E MÉTODOS

Cada estagiário trabalha com seus próprios materiais e métodos, de acordo com a necessidade, havendo inclusive uma troca de conhecimento entre os estagiários, além de todo o suporte da UFC.

RESULTADO E CONCLUSÕES

Nesses três semestres vividos pelo autor na ACEC, o mesmo se deparou com experiências diferenciadas sobre o fazer musical dentro da instituição. Na ACEC não há um professor específico de música, e isso dificultou o processo de inserção e apoio dentro da instituição. Além disso, havia pouco espaço dentro das aulas de Artes sendo que uma das soluções encontradas foi à oferta de oficinas de instrumentos. No primeiro semestre, o autor acompanhou as aulas de artes normal da ACEC, e a de violão ministrada por um estagiário mais avançado no curso de Música. No segundo semestre, o autor teve a oportunidade de montar um coro de professores e alunos da ACEC e teve um trabalho bastante produtivo, onde o coral realizou apresentações e engrandeceu o aprendizado do autor quanto à docência, assim como aos coralistas. No terceiro semestre o trabalho coral retomou, porém com menos força devido à evasão dos membros pertencentes ao coral, devido a diversos fatores, como o horário de funcionamento, a pequena disposição de recursos humanos, e a oferta de outras oficinas relacionada a música: Teclado e Violão.

II

REFERÊNCIAS

AMANTO, Rita de Cássia Fucci; NETO, João Amato. **A motivação no canto coral:** perspectivas para a gestão de recursos humanos em música. Revista da Abem, n. 22, 2009.

BONILHA, Fabiana. **Leitura musical na ponta dos dedos:** caminhos e desafios do ensino de musicografia braille na perspectiva de alunos e professores. Campinas, 2006.

SOARES, Ana Cristina Silva. **A inclusão de alunos com deficiência visual na Universidade Federal do Ceará:** ingresso e permanência na ótica dos alunos, docentes e administradores. Fortaleza: 2011.

TOMÉ, Dolores. **Introdução a Musicografia Braille.** São Paulo: editora Global – 2003.

SILVA, Jonatas Souza; LIMA, Gabriel Freire. **A Musicografia Braille no Curso de Música:** Licenciatura da Universidade Federal do Ceará. Abem Nordeste, Fortaleza, 2012.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
capacitação de licenciandos do curso de música da UFRN
para a atuação na educação especial

Igor Rafael Alves Varela
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
irav79@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação no Brasil, a preocupação com a formação de professores na área da Educação Especial – no que diz respeito a construção de políticas públicas – tem evoluído de forma significativa. É possível observar esse desenvolvimento perpassando através dos paradigmas da segregação, da integração e, hodiernamente, da inclusão.

Até a década de 1960 (segregação), essa preocupação se resumia a iniciativas isoladas de instituições especializadas (SOARES; CARVALHO; 2012). A partir de 1961, com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, entrara em vigor o modelo da integração, no qual a necessidade de capacitação dos professores frente à Educação Especial iria ser expandida nacionalmente por meio da criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP). A Conferência Mundial sobre Educação para todos (março de 1990), realizada em Jomtien, Tailândia, lançaria o paradigma da Educação Inclusiva, que mais tarde estaria mundialmente difundido por meio da Declaração de Salamanca (1994). Desde então, as políticas públicas para a formação de professores no Brasil não pararam de crescer (LDBEN-1996; PCN-1998; Res. CNE/CEB 2001; Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão-2008), obrigando as instituições de Ensino Superior a adaptarem seus currículos de formação docente de acordo com as normas estabelecidas.

13

OBJETIVO

Nessa direção, tem-se percebido a necessidade de maiores investimentos tanto no ensino, como nas pesquisas e ações de extensão. Com base nesses fatos, a presente pesquisa teve como objetivo principal investigar de que forma os cursos de extensão oferecidos na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), com foco no ensino de música para pessoas com deficiência visual, estão contribuindo para a formação de discentes e egressos do curso de Licenciatura em Música para a atuação na Educação Especial.

METODOLOGIA

Para tanto, a partir de observações e reflexões, foram analisadas as possíveis contribuições da experiência docente frente ao alunado com deficiência visual.

14

RESULTADOS

Enquanto resultados, podemos destacar uma visível quebra de paradigmas e estereótipos por parte dos licenciandos, o desenvolvimento e a publicação de pesquisas na área de Educação Especial, a continuidade desses estudos mesmo após o término da graduação, a criação de novos cursos de extensão a partir desses trabalhos.

CONCLUSÃO

Diante desses resultados, podemos concluir que a promoção dos cursos de extensão voltados para o ensino de música para pessoas com deficiência visual tem sido de grande relevância para a capacitação de professores de música em uma perspectiva inclusiva.

REFERÊNCIAS

CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto. **Professores e Educação Especial**: formação em foco. v. 1. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

_____, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto. **Professores e Educação Especial**: formação em foco. v. 2. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

SOARES, Maria Aparecida Leite; CARVALHO, Maria de Fátima. **O professor e o aluno com deficiência**. v. 5. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR: iniciativas da EMUFRN

Edibergon Varela Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
edbergon@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Objetivando contribuir para o ingresso da pessoa com deficiência visual na Graduação em Música, a Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) promove iniciativas de inclusão. Entre as iniciativas, destacam-se o projeto de extensão - Curso de Flauta Doce para Pessoas com Deficiência Visual, implantado em setembro de 2011 bem como o projeto de ação associada - Curso de Musicografia Braille, iniciado em março de 2013. Tais projetos têm como foco principal, musicalizar os alunos com deficiência visual bem como prepará-los e motivá-los para o ingresso na vida acadêmica e/ou profissional.

16

OBJETIVO GERAL

Apresentar a relevância das iniciativas de inclusão realizadas na EMUFRN para o ingresso do aluno com deficiência visual no ensino superior.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Relatar as metodologias utilizadas pelos alunos com deficiência visual que estão se capacitando para o Teste de Habilidade Específica (THE) em Música.
- Apresentar uma investigação prévia de como a EMUFRN vem se preparando para receber esses alunos no possível ingresso.
- Descrever as limitações e possibilidades encontradas pelos alunos com DV.

METODOLOGIA

Utilizaram-se a pesquisa-ação e entrevistas semiestruturadas, sendo uma aplicada com três alunos que irão realizar o THE e a segunda, direcionada ao coordenador (a) dos projetos de inclusão da EMUFRN.

RESULTADO

Os alunos da amostragem estão motivados e com grandes expectativas para o THE fato que pode ser justificado pelo estudo da Musicografia Braille juntamente com a Teoria Musical os quais estão diretamente ligados à escrita e a leitura musical. A EMUFRN está realizando ações no intuito de oferecer uma estrutura arquitetônica, metodológica e instrumental acessível aos alunos com deficiência visual com o intuito de que os mesmos tenham condições plenas de acompanhamento às disciplinas e estudo acadêmico durante a Graduação em Música.

17

CONCLUSÃO

Assim, a EMUFRN aliada a Comissão Permanente de Apoio a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (CAENE), na tentativa de garantir o direito à igualdade de condições no acesso ao conhecimento estará inaugurando o Laboratório de Acessibilidade na EMUFRN que dará condições de acesso aos conteúdos didáticos necessários aos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Portanto, fica evidente que para o delineamento de uma sociedade mais inclusiva é necessário que as Instituições de Ensino Superior (IES) estejam articuladas com ambientes, produtos e serviços acessíveis para receber pessoas com NEE. Todavia, mesmo que as IES não se encontrem preparadas para recebê-las é fundamental que as pessoas com NEE ingressem no contexto acadêmico do Ensino Superior para que, mediante as necessidades, aconteçam iniciativas institucionais inclusivas.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Claudio Roberto; CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles. **Educação Especial**: diálogo e pluralidade. Porto Alegre, RG: Mediação, 2010 (2. Ed. Atual. Ortog.) 304 p.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O Acesso do Aluno com Deficiência às escolas e Classes Comuns**: possibilidades e Limitações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 3. Ed.

LOURO, Viviane dos Santos et al. **Educação musical e deficiência**: propostas pedagógicas. São José dos Campos (SP): Ed. do Autor, 2006.

O NÚCLEO DE MUSICOGRAFIA BRAILLE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ:

acessibilidade no espaço acadêmico

Jonatas Souza e Silva

Universidade Federal do Ceará

jonatas.ufc@gmail.com

INTRODUÇÃO

Buscando tornar acessível o material didático/pedagógico utilizado no Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2010, com o apoio da Pró-Reitoria de Graduação, foi criado o Núcleo de Musicografia Braille – UFC (NMB/UFC).

Embora o NMB tenha sido criado de fato em 2010, a partir de 2009 algumas atividades foram realizadas, de forma menos expressiva, mas fundamentais para a fundamentação metodológica, pesquisa sobre o tema, e posterior criação do Núcleo

19

OBJETIVOS

Apesar de não termos no Curso de Música – UFC um aluno com deficiência visual, pretendemos ter todo o material didático/pedagógico utilizado nas disciplinas do Curso em Braille, ou pronto para impressão.

O que se deseja é que tenhamos um espaço acadêmico acessível a pessoas com deficiência, favorecendo a permanência e manutenção do aluno, a partir do suporte didático/pedagógico.

MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente a transcrição era o eixo principal das atividades do Núcleo, em seguida esse eixo foi desdobrado e expandido. Observamos que apenas a transcrição não era o suficiente para atingirmos o público alvo (pessoas com deficiência visual), pois a Musicografia Braille ainda era algo desconhecida em

nosso espaço acadêmico. Porém essa realidade estava mudando, em 2009 foi lançado em âmbito nacional o primeiro software brasileiro, gratuito, e destinado a edição de partituras em Braille, o Musibraille.

Buscando atingir diversos públicos, o NMB ofertou cursos de curta duração de iniciação à Musicografia Braille, abertos a comunidade acadêmica e a quaisquer pessoas que demonstrassem interesse sobre o tema. Dessa forma compartilhamos o conhecimento com alguns músicos deficientes visuais, e estudantes de Cursos de Licenciatura em Música (provavelmente futuros professores).

O NMB atualmente conta com dois bolsistas responsáveis pelas transcrições, e as demais atividades do Núcleo.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Atualmente o NMB dispõe de três obras prontas: Music For Sight Singing, Método para Flauta Doce Soprano e kodály 333 olvasógyakorlat. Ambas em formato digital prontas para impressão.

A Musicografia Braille, que até bem pouco tempo atrás era algo desconhecido no ambiente acadêmico da UFC, hoje tomou-se forma e direção a partir da criação do NMB, e apresenta-se como área de estudo em constante crescimento.

REFERÊNCIAS

SILVA, Jonatas Souza; LIMA, Gabriel Freire. A Musicografia Braille no Curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Ceará. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, XI, 2012. **Anais [...]**. Fortaleza.

SOARES, Ana Cristina Silva. **A inclusão de alunos com deficiência visual na Universidade Federal do Ceará**: ingresso e permanência na ótica dos alunos, docentes e administradores. 2011. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2011.

TOMÉ, Dolores. **Introdução a Musicografia Braille**. São Paulo: Editora Global, 2003.

RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A DISCIPLINA DE MUSICOGRAFIA BRAILLE

Jhon Kleiton Santos de Queiroz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

kleitonmusica@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central traçar um relato de experiência vivenciada na primeira turma da disciplina Musicografia Braille I, ofertada pelo curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Embora a legislação nacional não indique a obrigatoriedade da oferta dessa disciplina nos cursos de graduação, a Escola de Música passou a oferta-la diante dos vários projetos que mantém no atendimento às pessoas com deficiência visual (DV). A disciplina “Musicografia Braille I” teve início no segundo semestre do período letivo de 2013.2. Embora ofertada em caráter eletivo, verificou-se a importância da mesma para os alunos em formação inicial que passaram a entender a lógica do sistema Braille e, assim, desmistificar a ideia preconcebida da dificuldade de seu aprendizado.

22

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada análise dos conteúdos ministrados e atividades propostas bem como dos recursos metodológicos e tecnológicos empregados. Também, foram feitos registros da reação dos alunos frente à temática no que diz respeito à quebra de paradigmas e estereótipos.

Durante as aulas, foram aplicados conhecimentos acerca da história do criador do sistema, Louis Braille; das formas como lidar com pessoas com DV e os aspectos envolvidos no seu desenvolvimento psicológico; dos tipos e graus de deficiência; sobre os recursos tecnológicos disponíveis que auxiliam tanto o educador para o trabalho junto à pessoa com deficiência. Somente após essa fase

introdutória, é que foi introduzido o Sistema Braille e os primeiros símbolos da musicografia Braille. A metodologia utilizada constou até o presente momento de aulas expositivas, práticas, apresentação de vídeos e documentários, e, ainda, vídeo-aulas. São utilizados constantemente a reglete positiva¹ e o software Musibraille².

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Apesar de ainda não ter concluído o semestre letivo, já é possível perceber a importância da disciplina para a quebra dos paradigmas e estereótipos dos discentes tanto em relação à pessoa com deficiência, como também em relação ao próprio sistema e a musicografia Braille. O fato de vivenciar de perto essa experiência enquanto aluno da disciplina, permitiu um novo olhar para a educação musical das pessoas com deficiência visual. Quem é leigo em música, ao ver uma partitura, também pode achar que não é capaz de aprender todo o significado daqueles códigos. É preciso conhecer para se sentir mais capaz de transmitir o conhecimento adquirido de forma consciente.

23

¹ Reglete Positiva é uma régua dupla sendo que a base consta de pontos em alto relevo e a superior da cela Braille vazada que, com o punção cuja ponta é côncava para encaixar nos pontos da base da reglete.

² O software Musibraille foi criado por Antonio Borges do Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É um software de transcrição de partitura e é de acesso livre podendo ser baixado pela internet.

REFERÊNCIAS

BORGES, Antonio dos S.; TOMÉ, Dolores. **O que é o Projeto Musibaille**. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/musibaille/oquee.htm>. Acesso em: 23 out. 2013.

TOMÉ, Dolores. **Introdução à musicografia Braille**. São Paulo: Global, 2003.